

RUBEM BRAGA

A PINTORA

A GORA, que Marie Laurencin morreu, procuro em minhas gavetas a entrevista que fiz com ela na primavera de 1950. Ai vão trechos:

«Suponho que ela deva ser menos vulgar do que mostrou nesse encontro. Não precisava ter me dito, e depois repetido três vêzes a pessoas que foram chegando, que aquêlê pequeno óleo que estava acabando de pintar era para dar de graça a uma campanha internacional contra o câncer. E quando falamos dos tempos antigos e surgiram os nomes de Picasso e Appolinaire, que súbita irritação possuiu essa mulher! Disse que élas eram «durs», isso quer dizer mais ou menos valentões malandros, e sabiam se arranjar muito bem. Não tem uma só palavra de ternura para o pobre poeta que a amou e que morreu há mais de trinta anos. Fala irritada do comunismo e da riqueza de Picasso. Vejo uns livros religiosos a um canto, pergunto se é católica. Responde que sim e junta: «e ariana!».

Reparo em sua cabeça, sob os cabelos brancos. Deve ter tido um certo encanto em moça, com êsses olhos vivos, a pele rosada; hoje se parece com a minha «conciêrge». Conta que foi casada com um alemão, um homem encantador; quando veio a guerra os dois viveram cinco anos na Espanha. Depois passou dois anos na Alemanha. Não mostra entusiasmo por nenhum pintor moderno; dos mortos prefere Renoir, acha que teve influência dêle. Concordo delicadamente, ela também é uma pintora de mulheres belas. Mas a influência principal que sofreu — diz, e isso me dá um leve susto — foi Goya. Fala dos retratos das infantas. Passou todo o tempo da segunda grande guerra em Paris, tinha muito mêdo das explosões. Acentua que os alemães não gostavam de sua pintura; gostavam, isso sim, da pintura de Picasso. Diz isso irritada, mas não chega a insinuar que Picasso tenha sido amigo dos nazistas...

Sáimos no dia chuvoso. Andamos os dois juntos, na calçada estreita, à procura de um táxi. Eu me pergunto o que vou escrever sôbre essa mulher, e, de repente, me dá uma ternura por essa velha trabalhadora de cabelos brancos que anda ao meu lado, uma ternura que dá para entender e cobrir tudo o que nela é mediocridade e despeito. Afinal ela é um expoente dêste meio século, com suas mocinhas de sonho, flôres líricas e frívolas de uma época desigual e bruta; nosso tempo ficaria mais feio e não ficaria melhor se ela não existisse. Despeço-me com respeito de Marie Laurencin».